



## APRENDIZAGEM NA ERA DIGITAL: UM DESAFIO PARA O PROFESSOR, UMA NOVA VISÃO PARA O ALUNO

Rejane Steidel<sup>1</sup> - PUCPR  
Claudia Vicentine Bonnevalle<sup>2</sup> - UNICESUMAR  
Fernando César de Oliveira Lopes<sup>3</sup> - SOCIESC

Grupo de Trabalho - Comunicação e Tecnologia  
Agência Financiadora: não contou com financiamento

### Resumo

O mundo atual é dinâmico, as mudanças não param, novas descobertas são feitas todos os dias, neste contexto é inviável pensar que a formação do professor. Pois o desafio dos profissionais da área escolar é manter-se atualizado sobre as novas tecnologias e metodologias de ensino e desenvolver práticas pedagógicas eficientes. A formação de professores é contínua, ele deve estar sempre em busca de se qualificar e desenvolver durante todo tempo. Sendo assim sempre buscando o seu desenvolvimento metodológico, pedagógico, teórico, através de pesquisas e reflexões sobre sua prática docente e com intuito de sempre estar buscando a melhoria. Vemos, então, como futuro presente na formação do professor, e com relevância, a construção de uma nova cultura profissional. O uso consciente desses recursos abre um grande leque para a formação continuada. Mas, além de uma conotação evolutiva, a formação dos professores tem que levar em conta o seu caráter organizacional e orientado para mudança, superando assim a sua dimensão mais individualista de aperfeiçoamento pessoal. A formação continuada dentro da escola não deve ser apenas por decisão individual e em ações solitárias. Deve utilizar uma metodologia que ofereça condições aos alunos de desenvolverem habilidades necessárias para organizar as informações que tem acesso de forma a utilizá-las concretamente, transformando-as em conhecimento. Com os meios de comunicação, abrangendo muitos conhecimentos, a formação dos

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela PUCPR- Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Especialista em Psicopedagogia pela PUCPR- Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Especialista em Educação Especial-IBPEX - Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão. Graduada em Pedagogia (licenciatura) - UFPR Universidade Federal do Paraná. E-mail: rejane.steidel@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Administração pela UNAM. Coordenadora dos Polos de EaD da Unicesumar em Curitiba. (Co) Autora de livros e materiais para EaD. Professora Convidada da Pontifícia Universidade Católica do Paraná PUCPr no Curso de Especialização Gestão do Treinamento e Desenvolvimento de Pessoas. E-mail: cvicentine@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Ciências da Computação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Pós-Graduado em Metodologia de Ensino pelo Instituto Superior Tupy – IST. MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas - FVG, Graduado em Engenharia Elétrica pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Professor e Gerente de Ensino IBES - INSTITUTO BLUMENAUENSE DE ENSINO SUPERIOR e Faculdade Sociesc de Balneário Camboriú. E-mail lopes@sociesc.org.br

professores deve articular o processo de ensino/aprendizagem dando todo o suporte para uma educação de qualidade, buscando novas técnicas e modos de organizar a metodologia dos conteúdos ensinados. O professor mediador encontra-se no meio da ação de educar age garantindo a incorporação das percepções e interpretações individuais, das informações e conhecimentos das relações com o mundo em que vivemos.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Saberes. Tecnologia. Conhecimento. Interação.

## **Introdução**

O homem é resultado daquilo que faz, de sua própria prática, concreta, real e coletiva. Essa prática, não é qualquer prática, mas o resultado completo de intencionalidade.

Na era do conhecimento, a Pedagogia, e a Educação propriamente dito, tornou-se a ciência mais importante, porque ela objetiva promover a aprendizagem. A era do conhecimento é também a era da sociedade aprendente: todos se tornam aprendizes e é sempre necessário retornar a aos conhecimentos que temos para ampliá-los. (GADOTTI, 2000, p. 45).

A aprendizagem não é mecânica, nem instintiva, mas sim, o resultado da interação do ser humano consigo mesmo, e com os outros seres humanos semelhantes. É preciso ter claro na mente que essa construção do ser humano, edifica-se, institui-se durante toda a existência, desde muito cedo na infância. Demo (1998, p.167), destaca o papel maiêutico do professor “A aprendizagem supõe pelo menos dois componentes interligados: o primeiro, é o esforço reconstrutivo pessoal do aluno; o segundo, é uma ambiência humana favorável.”

A educação encontra na prática intencional a sua justificativa enquanto mediação para formação social e cultural e neste sentido a educação só encontra sentido se tomar a cidadania como medida de avaliação própria, considerando que cidadania é a medida da qualidade de vida. Com o mundo atual, dependem de nossa atuação e nosso contexto, em nossa realidade, que será revelada mediante uma construção ativa em que o indivíduo participe. (MORAES, 1997, p. 22).

Com o confronto entre teoria e prática, surge uma relação dialética que garante um processo construtivo da aprendizagem. “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. (FREIRE, 2007, p.24).

Essa não é tarefa fácil. Necessita um despojar de velhas práticas e uma busca de referenciais participativos e dinâmicos da ação pedagógica que não se resume à ação docente,

de forma que, “se todo trabalho docente é trabalho pedagógico, nem todo trabalho pedagógico é docente. [...] As novas realidades estão exigindo um entendimento ampliado das práticas educativas e, por consequência, da pedagogia” Libâneo & Pimenta, (1999, p. 250-252).

## **Desenvolvimento**

Cabe à educação um comprometimento de sua ação, investindo nas forças construtivas, que fazem da educação uma mediação para a cidadania.

Segundo Garcia,

... constatou que o termo mediação entrou para o dicionário de língua portuguesa em 1670, sendo entendido como o ato ou efeito de mediar, ato de servir de intermediário entre pessoas, grupos, partidos, a fim de dirimir divergências ou disputas; é o processo pelo qual o pensamento generaliza os dados apreendidos pelos sentidos. Encontra-se o termo mediação na astronomia, que determina o momento de culminação de um astro. Já na religião, ele identifica a intercessão junto a um santo, a uma divindade, para obter proteção. Numa perspectiva jurídica, mediação é um procedimento que objetiva promover a aproximação de partes interessadas na consolidação de um contrato, um negócio, um procedimento que visa à composição de um litígio, de forma não autoritária, pela interposição de um intermediário entre as partes em conflito. Finalmente encontramos, ainda segundo Houaiss, o termo mediação na música bíblica, que representa a divisão de cada versículo de um salmo em duas partes, a primeira salmodiada por um coro e a segunda por outro. (2004, p.25),

É preciso construir uma humanidade renovada, em um procedimento contínuo de superação da inércia, de valorização do ser humano e de desmascaramento das imposições sócio-culturais adotadas sem reflexão de sua prática.

Freire diz que

valoriza a cultura mediadora de processos de aprendizagem, apontando para a identidade cultural como requisito básico para essa aprendizagem. Ele fala do “pensar bem”, para um desenvolvimento ético, que estabeleça relações dialógicas, interativas, para a aprendizagem autônoma. O “método” de Paulo Freire é dialógico – o diálogo, a argumentação como estratégias do pensar. “Ser dialógico e vivenciar o diálogo, é não invadir, é não manipular o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizado pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam”. (2007, p.43)

A complexidade das práticas educativas mediadoras envolvem o uso de diversas concepções pedagógicas, estabelecendo a necessidade de compreender como aprender e ensinar, incorporando novos saberes às práticas. Assim o professor assume o papel de mediador da interação entre os sujeitos, tencionando o processo de construção do conhecimento desses sujeitos. Pensando no aluno, o professor estrutura uma proposta tecnologicamente avançada, pois a “... construção da autonomia da aprendizagem do aluno

também se faz nessa nova relação, quando o aluno aprende sobre o seu aprender”. (SETZER, 2000, p.42).

Conforme Martins:

O papel de um mediador é importante para a criação de situações onde o encontro com a arte, como objeto de conhecimento, possa ampliar a leitura e a compreensão do mundo e da cultura. Capaz também de abrir diálogos internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais e culturais de cada produtor/fruidor/aprendiz. Pois, o objetivo maior não é propiciar contato para que todos os aprendizes conheçam este ou aquele artista, mas sim que eles possam perceber como o homem e a mulher, em tempos e lugares diferentes, puderam falar de seus sonhos e seus desejos, de sua cultura, de sua realidade, da natureza à sua volta e de suas esperanças e desesperanças, de seu modo singular de pesquisar a materialidade através da linguagem da arte. (2005, p. 17)

Os novos tempos requerem novas exigências na atuação profissional, e conseqüentemente, novos saberes pedagógicos. Conforme destaca Kenski (2001, p.96) “[...] o papel do professor se altera, e muito, na nova sociedade digital. Em alguns sentidos se amplia, mas não se extingue”. Eis o grande desafio para os cursos de formação de profissionais na área de tecnologia.

De acordo com Gallo (1999, p.109), “Se colocarmos o ser humano como fator fundamental, a ciência e a tecnologia podem nos permitir ações antes impossíveis”. Inserida nesse contexto, a educação brasileira está passando por uma fase da sua história, na qual se apresentam novos elementos e dados que precisam ser analisados e discutidos, exigindo uma intensa, séria e rigorosa reflexão

a educação formal está vinculada à sociedade quase que organicamente, sendo a prática educativa uma mediação da ação criadora e transformadora da humanidade na história. Dessa forma, acaba por exercer a função de reproduzir a sociedade na qual está inserida tal qual ela é (reprodutivismo). Mas, contraditoriamente, a educação também assume um papel crítico, que contribui para a resistência à dominação e à transformação da sociedade, constituindo-se numa prática transformadora. Ora, se pode ser assumido ambos os papéis, a opção se dará por meio do esclarecimento crítico e do compromisso político dos educadores envolvidos (SEVERINO, 1994 p. 98).

Segundo Batista (2006, p. 69): “A docência mediadora é uma prática que vai sendo construída no processo ensino-aprendizagem, ancorando-se no pensar do professor sobre ‘o que fiz o que estou fazendo, por que estou fazendo e o que posso fazer’ no campo do trabalho educativo.”

Vive - se, atualmente na era da imagem, ou seja, a imagem produzida e veiculada através de tecnologia cada vez mais avançada tornou-se preponderante sobre qualquer outra forma de apreensão do mundo.

... O professor que trabalha na educação com a informática há que desenvolver na relação aluno-computador uma mediação pedagógica que se explicita em atitudes que intervenham para promover o pensamento do aluno, implementar seus projetos, compartilhar problemas sem apresentar soluções, ajudando assim o aprendiz a entender, analisar, testar e corrigir erros.(MORAN, MASETTO e BEHRENS, 2000, p. 133).

Para Freire (2007, p. 49), perguntas são estratégias para o conhecimento do mundo. Perguntas exigem respostas compartilhadas, discutidas e reveladoras da inquietação do educando diante do conhecimento.

É necessário é que o educando, ao perguntar sobre um fato, tenha na resposta uma explicação do fato e não a descrição pura das palavras ligadas ao fato. É preciso que o educando vá descobrindo a relação dinâmica, forte e viva, entre a palavra e ação, entre palavra-ação-reflexão.

O sociólogo Mattelart (1996) afirma que a comunicação converteu-se em uma forma de organização do mundo, e se apresenta como parâmetro de evolução da humanidade, no momento em que, privados de referências, os homens buscam um sentido para seu futuro.

A educação tecnológica segue o caminho das inovações não como descoberta em si, mas como busca da compreensão dos novos papéis e funções que o homem tem na sociedade, oriundos, por sua vez das novas relações sociais. (GRINSPUN, 2001, p.57).

Essas transformações decorrem de outra marca dos novos tempos: o extraordinário avanço da tecnologia. “Um indivíduo dotado de competências e técnicas múltiplas; iniciativa; autonomia; cooperação; comunicação; habilidade no trabalho em equipe; capacidade de raciocínio, de aprender, de resolução de problemas e de adaptar-se a situações novas”. (BRYAN,1996 p.44).

Num ritmo frenético, os computadores estão entrando cada vez mais na vida cotidiana e revolucionando também a comunicação. Assim destaca Pierre Lévy (1998, p. 13), que “o ser humano está provavelmente convergindo para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho”.

Outra característica marcante da época atual é o relativismo dos conceitos. Hoje, mais do que em qualquer outra fase da história, as “certezas” são colocadas em questão, e tudo parece ser relativo. A mediação se concretiza pela “atitude do educador provocar, problematizar, informar questionar, organizar, promover o uso de recursos objetal, ilustrado, verbal e simbólico” (VASCONCELOS, 1999, p. 64).

Segundo Morin (2001, p. 101 -102) é

Uma missão de transmissão. A transmissão exige, evidentemente, competência, mas também requer, além de uma técnica, uma arte. Exige algo que não é mencionado em nenhum manual, mas que Platão já havia acusado como condição indispensável a todo ensino: o Eros, que é, a um só tempo, desejo, prazer e amor, desejo e prazer de transmitir, amor pelo conhecimento e amor pelos alunos.

A construção do conhecimento passa necessariamente, por um efetivo diálogo entre saberes e práticas humanizadoras que conferem sentidos e significados à participação efetiva de todos os envolvidos no processo educativo que se desenrola na escola.

Haguenauer (2012, p.03) considera que “a revolução das novas tecnologias digitais representa uma excelente oportunidade para se repensar a educação e substituir as metodologias e estratégias arcaicas, que ficaram congeladas no tempo”. Daí a importância da existência de ambientes que compartilhem saberes. Ambientes que promovam o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser, “... é na medida em que acrescentamos algo novo ao conhecimento já adquirido que podemos dizer que aprendemos.” (MARINHO, et al., 2007, p.13)

Tal condução do processo educativo exige a adoção de práticas orientadas criticamente para a completa ressignificação da capacidade de pensar, agir, sentir e julgar.

Cabe a educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie Homo sapiens. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno. (MORIM, 2003, p.95)

De acordo com Vygotsky (1991, p. 70), “[...] a aprendizagem não se faz sozinha, a criança sempre necessita de mediação [...]”. A principal finalidade de ensinar a pensar é desenvolver na criança a capacidade de resolver problemas, de reduzir sua impulsividade, de agir de maneira consciente e crítica, enfim, de encontrar significado nas coisas que realizam.

O professor deve ser o mediador, deve apenas conduzir, orientar o aluno nessa construção e para tanto é preciso que o educador crie condições para ativar a criticidade dos educandos na busca do conhecimento. Destaca Behrens (2000, p.78) “que num mundo globalizado, que derruba barreira de tempo e espaço, o acesso à tecnologia exige atitude crítica e inovadora, possibilitando o relacionamento com a sociedade como um todo”.

E essas condições implicam em educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, curiosos, humildes e persistentes.

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 2007, p. 22)

Vive-se uma nova era, cuja marca é a presença de grandes mudanças estruturais. Para BEHRENS (2000, p.78) “o desafio passa por criar e permitir uma nova ação docente na qual professor e alunos participam de um processo conjunto para aprender, de forma criativa, dinâmica e encorajadora, e que tenha como essência o diálogo e a descoberta”.

Várias denominações surgiram nos últimos anos para identificar essa nova sociedade, marcada por significativas transformações no cotidiano: pós-moderna, pós-industrial, informatizada, tecnológica, inteligente.

Manfredinho destaca em sua obra que a “era digital é a possibilidade de superar a fragilidade da instituição escola por meio da revitalização do professor, que tem uma missão especial de complementar a formação do aluno para o mundo adulto, pensante, livre, ético e criativo. (2001, p.41).

A relação de ensino é uma relação de comunicação por excelência, que visa formar e informar. Os instrumentos que possam vir a se encaixar nesta dinâmica têm sempre a possibilidade de servir ao ensino: livro, vídeo, fotografia, computadores e outros são formas de comunicar conhecimentos e, como tais, interessam à educação (HAIDT, 2003, p. 277).

Delors, em seu relatório para a UNESCO (1999, p. 99) enfatiza que

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa. Todo ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias de vida.

Vive-se, atualmente na era da imagem que, veiculada através de tecnologia, cada vez mais avançada, tornou-se preponderante sobre qualquer outra forma de apreensão do mundo.

Entende-se por ciência “atividade humana que descreve e explica os diferentes campos da realidade, cuidando de descobrir as leis que ordenam o mundo, o que implica numa atitude contemplativa, tendo como objetivo fundamental à construção de teorias”. (AGUERRONDO, 1996, p. 72).

Para Thompson (1995 p. 426) “Os indivíduos são agentes auto-reflexivos que podem aprofundar a compreensão de si mesmos e dos outros. Podem a partir desta compreensão, agir para mudar as condições de suas vidas”. E assim “com as mudanças ocorridas não só pela globalização, mas também com a internet e outras tecnologias surgem novas possibilidades de organização das aulas”. Moran (2004, p.247).

Para Morin, entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado (2004, p. 30).

Nesse sentido Abreu destaca que:

precisamos estar atentos para o que as novas tecnologias nos proporcionam e nos conclamam, ou seja, as mudanças nas instituições de ensino com o objetivo de superar a fragmentação curricular que tanto limita as relações estabelecidas dentro e fora do espaço escolar pelas novas gerações norteadas por um modelo educacional, que não atende as suas expectativas e as afasta de um universo holístico relacional e em constante dinâmica , no qual estamos inseridos (2002, p. 4).

O importante é encadear ideias, acontecimentos, fatos, o ato criativo para dar significado aos conteúdos trabalhados, adquirindo significado para os alunos em suas vidas e principalmente lhes possibilite visualizar a realidade do seu futuro ambiente profissional. Tudo isso visa a permitir o desenvolvimento do senso crítico e o exercício de valores que os tornem cidadãos do mundo, a saber, a comunicação se manifesta pela linguagem, e as diferentes formas de expressão constituem o desenvolvimento da atividade consciente.

Como afirma Behrens (2006, p. 20), a Revolução Tecnológica aliada a Sociedade do Conhecimento provocou um grande encontro da Era Oral, Escrita e Digital. Essa triangulação vem se formando e tem como base o capital humano ou intelectual. Para tanto, a sociedade precisa proporcionar processos de aprendizagem que envolva a criação e a busca de talentos nos seres humanos.

A educação é um constante desafio. A escola tem que ser consciente de seus métodos, técnicas e integrar pessoas, que além de estarem comprometidas com a educação, se permitam a ousar, experimentar, investigar, criar... construir e mediar. Para Feuerstein, mediação significa “um processo de interação entre o organismo humano em desenvolvimento e o indivíduo com experiências e intenção... que seleciona, enfoca, retroalimenta as experiências ambientais e os hábitos de aprendizagem”. (BEYER,1996, p 38).

Nas palavras Ferreira:



as incertezas e desestabilidade são hoje, as palavras que exprimem os sentimentos da vida humana em todas as faces do globo terrestres. É cada vez mais aguda, no mundo atual a consciência de que estamos vivendo mudanças profundas que não somos ainda capazes de compreender. Essa realidade provoca insegurança, incerteza e suscita as mais variadas relações, de perplexidade e inquietude como também de busca de criatividade, de segurança e algumas certezas. (2004, p.297-298)

Destaca-se assim a importância do mediador que assume uma responsabilidade toda especial, pois ele é o criador de acontecimentos e espaços e articulando o espaço e tempo, possibilitando a construção do sujeito onde ele poderá tomar iniciativa, ter responsabilidade e assumir compromissos.

É urgente engendrar mecanismos de utilização do pensamento livre e de abertura a novas possibilidades de chegar a outros patamares, sendo no âmbito social, educacional e midiático, onde haja possibilidades maiores do que antes imaginados pelos cidadãos. Percebe-se, como comenta Torres e Fialho, que “O uso do computador e as novas TICs têm provocado grandes mudanças nos processos de ensino aprendizagem, seja na educação presencial, híbrida ou à distância [considerando a modalidade online” (2009, p. 457)

Necessita-se buscar novas possibilidades de formação e informação dos cidadãos, e que estas sejam cada vez mais amplas, para que, desta forma, possamos trabalhar com igualdades, proporcionando acesso a diferentes tipos de cultura, onde, segundo Matos, “na época em que vivemos o principal bem passou a ser o conhecimento e, aqueles que possuem os melhores sistemas para manter os recursos de conhecimento com o objetivo de suportarem a performance de indivíduos e organizações, certamente, se tornarão os grandes vencedores.” (2003, p. 37)

### **Considerações Finais**

O papel da educação está sendo revisto, atualmente, com a entrada das práticas de educação online e das redes de aprendizagem e sociais, que agregam os indivíduos de uma sociedade, sem diferenciações de qualquer natureza, inclusive social. Percebem-se tais diferenciações em ambientes presenciais, mas, virtualmente, todos aqueles que têm acesso às redes variadas devem ter o direito a um amplo espaço de discussão, reconstrução e reestruturação nas ações e práticas que vêm sendo feitas no ambiente educacional ou fora dele.

Assim afirma de Moran, Maseto e Behrens, (2000, p. 71):

a produção do saber nas áreas do conhecimento demanda ações que levem o professor e o aluno a buscar processos de investigação e pesquisa. O fabuloso acúmulo da informação em todos os domínios, com um real potencial de armazenamento, gera a necessidade de aprender a acessar as informações. O acesso ao conhecimento e, em especial, à rede informatizada desafia o docente a buscar nova metodologia para atender às exigências da sociedade. Em face da nova realidade, o professor deverá ultrapassar seu papel autoritário, de dono da verdade, para se tornar um investigador, um pesquisador do conhecimento crítico e reflexivo. O docente inovador precisa ser criativo, articulador e, principalmente, parceiro de seus alunos no processo de aprendizagem. Nesta nova visão, o professor deve mudar o foco do ensinar para reproduzir conhecimento e passar a preocupar-se com o aprender e, em especial o “aprender a aprender”, abrindo caminhos coletivos de busca e investigação para a produção do seu conhecimento e do seu aluno.

Na prática a importância de se colocar a serviço da grande massa, onde todos tenham as mesmas oportunidades é conhecida, através dos direitos à informação, educação, cultura e lazer. Segundo Matos, “As informações recebidas dos meios de comunicação influenciam diretamente no processo de aprendizagem e, novamente, as tecnologias de comunicação e informação operam dentro do processo ocasionando uma evolução nele como um todo” (2003, p. 40).

Neste momento, é preciso afirmar que está sendo categorizado aqui o acesso às redes de aprendizagem ou sociais, que respondem por uma grande parcela de informações que estão sendo propagadas, a partir do uso de meios midiáticos, como um grande bloco de comunicações e que é preciso diferenciá-las.

O fator de relevância aqui é aquele que promove a inserção das pessoas na sociedade, através da informação, como bem coloca Pozzo (2002), onde as pessoas estão à mercê das mesmas e não sabem o que fazer com tudo o que recebem, ou seja, transformar informação em algo produtivo e de relevância, que gere conhecimento e aprendizagem significativa.

Nesse contexto, Myzukami e Rodrigues (1996, p. 61) propõem:

A premissa básica do ensino reflexivo considera que as crenças, os valores, as suposições que os professores têm sobre ensino, matéria, conteúdo curricular, alunos, aprendizagem, etc. estão na base de sua prática de sala de aula. A reflexão oferece a eles oportunidade de se tornarem conscientes de suas crenças e suposições subjacentes a essa prática. Possibilita, igualmente, o exame de validade de suas práticas na obtenção de metas estabelecidas. Pela reflexão eles aprendem a articular suas próprias compreensões e a reconhecê-las em seu desenvolvimento pessoal.

Deve-se neste momento, levar em consideração um movimento crescente entre as crianças e jovens e que poderá, caso seja utilizado de maneira correta, proporcionar uma maior interação e inserção na sociedade: a geração tecnológica. Tal ferramenta é a mais crescente no meio educacional, proporcionando entre os alunos um maior incentivo aos conteúdos e conhecimentos vindos a partir de suas interações.

Como diz Torres e Fialho, “A educação nesta modalidade de mediação pedagógica assimilará conteúdos de entretenimento, tornando a aprendizagem mais gostosa, criativa e interessante. Aprender brincando nunca será tão divertido” (2009, p. 459).

Para Sacristán e Gómez (1998, p. 9):

Sem compreender o que faz, a prática pedagógica é mera reprodução de hábitos existentes, ou respostas que os docentes devem fornecer à demanda e ordens externas. Se algumas ideias, valores e projetos se tornam realidade na educação é porque os docentes os fazem seus de alguma maneira: em primeiro lugar, interpretando- os, para depois adaptá-los... Apenas na medida em que cada um tenha claros esses projetos e essas ideias, pode ser um profissional consciente e responsável.

Conclui-se que a arcabouço que traz consigo é o de conjecturar uma forma de alicerçar as práticas pedagógicas e as mediações, quer sejam presenciais ou online, para que estas sejam transformadas em ferramentas para a efetivação da aprendizagem. Muito é necessário ser feito, mas pelo menos, foi dado um primeiro passo em direção ao futuro.

## REFERÊNCIAS

ABREU, L. C. G. Mediação e emoção: A arte na aprendizagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO. Salvador, 2002. **Anais**. Salvador, 2002.

AGUERRONDO, I. "Argentina, 1995: Uma Transformação Educacional em Marcha". In: - LINDINGER, Marília Miranda (coordenação). **Políticas Públicas de Qualidade na Educação Básica**. Brasília: CONSED; UNICEF, 1996.

BATISTA, S.H.S.S. Aprendizagem, ensino e formação em Saúde: das experiências às teorias em construção. In: Batista, N.A.; Batista, S.H.S.S.(orgs.). **Docência em saúde: temas e experiências**. São Paulo: Senac/SP, 2006, p.69.

BEHRENS, M. A.; MASETO, M. T.; MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus. 2000.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BEHRENS, M. A. **Paradigma da complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios**. Petrópolis: Vozes. 2006.

BEYER, H. O. **O Fazer PsicoPedagógico: a abordagem de Reuven Feuerstein a partir de Piaget e Vygotsky**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

BRYAN, N. A. P.. Desafios Educacionais da Presente Mutação Tecnológica e Organizacional para a Formação de Professores do Ensino Tecnológico. In: BICUDO, M. <sup>a</sup> V., SILVA

JUNIOR, Celestino Alves, (Org.). **Formação do Professor** – Dever do Estado, Tarefa da Universidade. Vol. 3. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

DELORS, J. Educação: **Um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1999.

DEMO, P. **Questões para Teleducação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FERREIRA, N. S. C. Gestão democrática da educação: ressignificando conceitos e possibilidades. In: FERREIRA, N.S.C, AGUIAR, M. A. **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p.49.

GADOTTI, M. x. Petrópolis: Vozes, 2000.

GARCIA, S. R. R. **Um estudo do termo mediação na teoria da modificabilidade cognitiva estrutural de Feuerstein à luz da abordagem sócio-histórica de Vygotsky**. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade São Marcos.

GALLO, S. **Ética e Cidadania. Caminhos da Filosofia**. Campinas Papyrus, 1999.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin (Org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2001.

HAGUENAUER, C. **Metodologias e estratégias na Educação à Distância**. Disponível em: <http://www.gestaoelideranca.com.br/educacao/principal/ conteudo.asp?id=3872> Acesso em: abril 2012.

HAIDT, R. C. C. **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática, 2003.

KENSKI, V. M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (Orgs.). **Ensinar a ensinar**. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2001.

LIBÂNEO, J. C. e PIMENTA, S. G. Formação de Professores da Educação: Visão crítica e perspectiva de mudança. In: **Educação & Sociedade: Revista Quadrimestral de Ciência da Educação**. Formação de Profissionais da Educação: Políticas e Tendências. Campinas: Cedes, 1999.

MARINHO, H. R. B.; JUNIOR, M. A. M.; FILHO, N. A. S. & FINCK, S. C. M. **Pedagogia do movimento** – Universo lúdico e psicomotricidade. Curitiba: Editora IBPEX, 2007.

MANFREDINHO, N., P. de S.. A Escola Secular de Hoje. **Tecnologia & Humanismo** . Início de Uma nova Etapa. CEFET-PR Curitiba. no 20. 2001.

MARTINS, M. C. (org.). **Mediação**: provocações estéticas. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo, 2005.

MATTELARDT, A. Uma Comunicação Desigual. In: **Correio da Unesco** A Expressão da Multimídia no Brasil, ano 23, nº. 4, 1996.

MATOS, E. L. M.; GOMES, Péricles Varella. **Uma experiência de virtualização universitária**: o Eureka da PUCPR. Curitiba, Champagnat, 2003.

MYZUKAMI, M. G.; RODRIGUES, A. (Org.). **Formação de professores**: tendências atuais. São Carlos: Ed. UFSCar, 1996.

MORAES, M. C. **O paradigma emergente**. Campinas: Papirus, 1997.

MORAN, J. M., MASETTO, M.T., BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000. 133p.

MORIN, Er. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2001.

MORIM, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. Editora Cortez. SP, 2004.

PIERRE, L. **A inteligência coletiva**. Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

POZZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e Mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SACRISTÁN, Gimeno; GÓMEZ, Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SETZER, Valdemar W. **Uma revisão de argumentos em favor do uso de computadores na educação elementar**. Artigo disponível online <http://www.ime.usp.br/~vwsetzer> Consultado em 30/10/2000.

SEVERINO, A.J. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: IPU, 1994.

TORRES, P. L.; FIALHO, F. A. P. Educação a distância: passado, presente e futuro. In LITTO, F M.; FORMIGA, ..(org.) **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

VASCONCELOS, C. **A construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 1999.

VYGOTSKI. L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.